

## Grupo focal: uma contribuição à área de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho

Caroline Biehl<sup>1</sup>, Vanessa Amaral Prestes<sup>2</sup>, Carmem Ligia Iochins Grisci<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Administração/Escola de Administração/UFRGS, Brasil, carolinebiehl@hotmail.com;

<sup>2</sup> Programa de Pós-Graduação em Administração/Escola de Administração/UFRGS, Brasil, vanessa.amaral.prestes@gmail.com;

<sup>3</sup> Programa de Pós-Graduação em Administração/Escola de Administração/UFRGS, Brasil, carmem.grisci@ufrgs.br.

**Resumo.** O presente artigo trata sobre grupo focal, uma técnica de coleta de dados recorrente e especialmente fértil para a área de Gestão de Pessoas e Relações do Trabalho. Origina-se em um estudo ainda em desenvolvimento cujo tema remete ao trabalho de músico autoral da cena independente da cidade de Porto Alegre/Brasil. O artigo contempla a organização, realização, discussão e análise da técnica do grupo focal, considerando a perspectiva das pesquisadoras sobre a condução do grupo focal, e a dos músicos sobre sua participação e possíveis desdobramentos dessa participação para o trabalho de músicos autorais; e também a experiência e as interações ocorridas entre pesquisadoras e participantes. Observou-se que a técnica propicia acesso a informações relevantes e, não raro, consideradas de difícil acesso, algo caro à área de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho; e aponta um movimento contrahegemonico ao individualismo que se ressalta na atual realidade do trabalho.

**Palavras-chave:** Grupo focal; Metodologia; Coleta de dados; Gestão de Pessoas; Relações de Trabalho.

### Focus group: a contribution to the area of Human Resource Management and Labor Relations

**Abstract.** The present paper is about focus group, a technique of data collection recurrent and especially fertile for the area of Human Resource Management and Labor Relations. It originates in a study still under development whose theme refers to the work of authorial musician of the independent scene of the city of Porto Alegre/Brazil. The paper contemplates organization, accomplishment, discussion and the focus group technique analysis, considering the perspective of the researchers about the conduction of the focal group, and the perspective of the musicians about their participation and possible unfolding of this participation for the work of authorial musicians; as well as the experience and interactions between researchers and participants. It was observed that the technique, due its format, through the interaction it provides, allows the access to relevant information and, not rare, considered difficult to access, something relevant to the area of Human Resource Management and Labor Relations.

**Keywords:** Focus group; Methodology; Data collect; Human Resource Management; Labor Relations.

## 1 Introdução

A preocupação com a metodologia de pesquisa se constitui um dos eixos fundamentais de qualquer investigação, seja de natureza qualitativa ou quantitativa. Frequentemente surgem indagações relativas ao caminho a ser percorrido na investigação, dúvidas sobre a escolha de técnicas de coleta de informações e apreensões sobre a melhor forma de analisar e refinar os achados de campo.

A abordagem qualitativa tem multiplicidade de alternativas metodológicas, as quais podem permitir um processo dinâmico de aderência a novas formas de coleta e análise de dados. O grupo focal desponta como uma técnica de coleta de dados e informações que possibilita aflorar diferentes dimensões e visões de distintos interlocutores sobre um tema previamente definido e possibilita sua ampla problematização (Gomes & Galego, 2005). Em meados de 1980, tal técnica passou a ser utilizada

e aprimorada por cientistas sociais preocupados com a limitação dos resultados proporcionados por entrevistas do tipo fechadas, com questionários previamente estabelecidos.

Após pesquisas em bases de dados de publicações da Administração - Ebsco, Spell, Scielo e Periódicos Capes - constatou-se que a técnica de grupo focal é uma opção de entrevista não diretiva recorrente, sobretudo, em estudos das áreas de Gestão de Pessoas e Marketing, e é também utilizada por outros cientistas sociais que desejam abordar determinados temas com maior profundidade e revelar características de um grupo de pessoas que possuem experiências comuns. No que diz respeito à área de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho, embora seja usual a utilização de grupos focais, poucos foram os estudos encontrados que discutiram e problematizaram a adoção de tal técnica. Tonelli, Caldas e Lacombe (2003), ao investigarem sobre as pesquisas da área, constataram que há uma limitada variabilidade e discussão com relação às escolhas metodológicas. Segundo esses autores, “a frágil base metodológica da área revelada na pesquisa é talvez a mais evidente e desconfortável de todas as constatações preocupantes observadas” (Tonelli, Caldas & Lacombe, 2003, p. 120). Os autores identificaram uma pequena produção de conhecimento mais substancial e contributiva para a área e recomendam que a superação de tais limitações deva passar pela reavaliação e problematização do percurso metodológico.

Tendo em vista essas considerações iniciais, o presente artigo é sobre grupo focal. Origina-se em um estudo ainda em desenvolvimento que permite ilustrar e justificar a experiência do grupo focal, cujo tema remete ao trabalho de músico autoral da cena independente da cidade de Porto Alegre/Brasil. O artigo contempla a organização, realização, discussão e análise da técnica do grupo focal, na perspectiva das pesquisadoras sobre a condução do grupo focal, e a dos músicos sobre sua participação e possíveis desdobramentos dessa participação para o trabalho de músicos autorais; e também a experiência e as interações ocorridas entre pesquisadoras e participantes. Privilegia-se, portanto, a adoção da técnica em si, de modo que a análise do conteúdo por ela produzido não será apresentada por constituir o estudo em desenvolvimento. Na sequência, o artigo apresenta o grupo focal como técnica de coleta de dados em pesquisa qualitativa; o relato relativo ao grupo focal desenvolvido no sentido de contemplar os objetivos propostos; e as considerações finais.

## 2 Grupo Focal como Técnica de Coleta de Dados em Pesquisa Qualitativa

O emprego do grupo focal como técnica de coleta de dados, originalmente chamada de entrevistas focalizadas em grupo, se deu pelo sociólogo estadunidense Robert Merton no ano de 1950. Ao avaliar respostas da audiência de um programa de rádio em discussões em grupo, Merton percebeu que a maior parte das pessoas teve dificuldade para manifestar suas opiniões individualmente. Partindo da análise desse cenário, constatou que cientistas sociais, escritores ou produtores deveriam ir além de entrevistas individuais para alcançarem as informações que necessitam, engendrando então a técnica de coleta de dados denominada como grupo focal.

Para o presente trabalho, entende-se como grupo focal a técnica de coleta de dados que toma como principal fonte de informação as interações grupais e aquilo que delas resulta. Constitui-se a partir de um grupo de participantes reunidos com a finalidade de conversar, ouvir, discutir, debater e tudo o que possa surgir a partir deste encontro, de forma despretensiosa, a respeito de um determinado tema. A discussão é conduzida por um moderador e um facilitador sob orientação de tópicos-guia previamente estabelecidos (Gaskell & Bauer, 2002; Gondim, 2003; Merton; Morgan, 1997; Morgan & Hoffman, 2018). Guareschi (1996, p. 1) indica que é na interação que se fundamentam os grupos focais, o ponto central é “o uso explícito da interação grupal para produzir dados e *insights* que seriam difíceis de conseguir fora da interação que se processa dentro de um grupo”.

Por um período considerável, o grupo focal foi privilegiado como técnica de marketing pelas pesquisas de mercado, eleitorais e de treinamento (Gomes & Galego, 2006). Foi a partir da década de 1980 que ele foi sendo utilizado amplamente em investigações científicas nas ciências sociais.

Para atualizar o panorama quanto à forma e o uso do grupo focal nas pesquisas em Administração, foi feita uma revisão sistemática em bases de dados de publicações da Administração – Ebsco, Spell, Scielo e Periódicos Capes. Considerou-se os descritores: grupo(s) focal(ais) e administração; focus group e administração; grupo(s) focal(ais) e gestão; focus group e gestão; grupo(s) focal(ais) e Gestão de Pessoas; focus group e Gestão de Pessoas; Grupo(s) Focal(ais) e Relações de Trabalho e focus group e Relações de Trabalho. Encontraram-se estudos concentrados a partir do ano de 2010, em que 69 utilizaram o grupo focal como uma das técnicas de coleta e centralizaram a discussão na análise dos resultados. Destes, 49 situam-se na área de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho, e apenas quatro têm como foco a problematização da técnica em si (Gomes & Ramos, 2015; Schröder & Klering, 2009; Souza; Gondi & Abbad, 2013; Oliveira & Freitas, 1998). O estudo de Gomes e Ramos (2015) aponta que grande parte das teses e dissertações que utilizaram o grupo focal situam-se na área de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho, seguida pelas áreas de marketing, estratégia, produção e sistemas de informação, e indica limitações desses trabalhos por não apresentarem os principais procedimentos quanto à constituição e condução do grupo focal. Os outros três estudos centram-se na discussão acerca da utilização da técnica “*On-line focus group*” (Schröder & Klering, 2009); na análise de comportamentos verbais e não verbais em grupos focais (Souza; Gondi & Abbad, 2013); no resgate teórico e no planejamento de grupos focais (Oliveira & Freitas, 1998).

Sendo o grupo focal uma forma de interação social que objetiva “estimular os participantes a falar e a reagir àquilo que outras pessoas no grupo dizem” (Gaskell & Bauer, 2002, p. 75), é interessante discutir o processo de sua realização e a visão dos participantes sobre essa experiência. O grupo focal oportuniza uma multiplicidade de visões e reações sobre determinado tema, como diferentes percepções, opiniões, crenças, valores e atitudes (Guareschi, 1996; Morgan & Hoffman 2018).

O cuidado inicial na constituição do grupo se dá com a seleção dos participantes, especialmente quanto ao seu perfil e número. A sua formação é intencional e a pretensão é de que haja, como critério, pelo menos um ponto de semelhança ou experiência comum entre eles, e que esteja em consonância com os objetivos da pesquisa (Ressel, Beck, Gualda, Hoffmann & Silva 2008; Stewart, Shamadasani & Rook, 2007). Recomenda-se que os participantes tenham proximidade da temática a ser discutida e profundo conhecimento, ou, pelo menos, vivência dos fatores que afetam aquela realidade (Trad, 2009). Debus (1988) e Roso (1997) atentam a pesquisas com número elevado de participantes, dada a probabilidade de dificuldade de comunicação em grande grupo.

Para a condução do grupo, entende-se que o tópico guia, temário ou guia de temas, é o instrumento mais indicado a ser utilizado pelo moderador e pelo facilitador ou observador. Nele devem se encontrar os principais tópicos a serem abordados durante o debate, podendo assemelhar-se a um lembrete, uma orientação ou um fio condutor da conversa. O tópico guia deve permanecer aberto para acomodar qualquer outro tipo de aspecto proveniente dos participantes (Gaskell & Bauer, 2002). Desta forma, a importância do facilitador/observador é crucial na condução do grupo, a fim de garantir que todas as impressões sejam registradas e como apoio para a condução da conversa (Gondim, 2003; Kind, 2004 & Ressel et al., 2008).

Quanto ao papel que assume o moderador, é necessário que esteja atento ao processo como um todo, desde a seleção dos participantes, construção do tópico guia, acolhimento no dia do encontro, condução do grupo e posterior análise dos dados. Seu objetivo principal é manter a discussão ativa e interessante, promovendo o debate e lançando desafios aos participantes com o auxílio do facilitador. Devido a isto, sugere-se que o moderador tenha experiência anterior com grupo focal ou com algum tipo de condução de grupos de discussão (Morgan, 1997; Roso, 1997). As orientações são de que o moderador possua substancial conhecimento e domínio sobre os tópicos que serão abordados,

garantindo que a discussão esteja em andamento consoante acerca do tema da pesquisa (Trad, 2009). Seu papel também envolve assegurar que todos participem e que não haja demasiada monopolização de um ou outro participante.

A participação do observador é também fundamental para o grupo focal. É aquele que valida a investigação pois, isento da responsabilidade de conduzir o grupo, está apto a observar de forma minuciosa as interações. Uma de suas funções é garantir que o moderador esteja conduzindo a discussão conforme previsto, podendo intervir quando julgar conveniente. É imprescindível que faça anotações pertinentes quanto às suas impressões (Kind, 2004; Ressel et al., 2008).

No que diz respeito ao uso de recursos, segundo Kind (2004), o indicado é iniciar pela escolha de um local confortável, não intimidador, não propício a interrupção de terceiros e de fácil acesso aos participantes. Além disso, recomenda-se o uso de, pelo menos, dois gravadores, de câmera filmadora, sendo essa escolha facultativa, a critério do pesquisador, e da oferta de um lanche aos participantes, com intuito de “quebrar o gelo”, preferencialmente antes do início da discussão. A duração recomendada deve ser de aproximadamente 90 à 120 minutos. Deve-se atentar, ainda, para não ultrapassar o tempo estipulado e comunicado previamente aos participantes quanto à duração estimada do encontro, salvo em casos específicos nos quais haja necessidade de ultrapassar o tempo previsto, sugere-se o reagendamento de novo encontro (Debus, 1988; Kind, 2004).

Quanto às etapas da condução, ao anunciar o início da discussão o moderador apresenta-se, apresenta o facilitador e faz uma breve introdução de como se dará o debate solicitando aos participantes que assinem o termo de consentimento livre e esclarecido. Assinados os termos, pede-se a permissão para o início da gravação (Gaskell & Bauer, 2002; Gondim, 2003 & Kind, 2004). Os participantes se apresentam e a partir deste momento o moderador os instiga com a primeira questão e progressivamente passa para questões mais específicas. A medida em que os tópicos são abordados, inicia-se, em geral, o vai-e-vem de possíveis divergências e conflitos de opiniões, com momentos de convergências e coesão de pontos de vista, afloram sentimentos como ansiedade, medo do novo e resistência à mudança, conforme Kinalski et al. (2017).

Estes instantes são aqueles em que o moderador e o facilitador devem estar vigilantes no olhar, no observar e no direcionar o grupo. Perguntas como - o que você acha disto que fulano falou? Por que você parece não concordar com isto? Você pode nos dar um exemplo disto? Você pode me falar mais sobre isso? Você começou a dizer algo... Este é um exemplo interessante, você pode trazer outros? Me parece que este é um caso específico, como você acredita que acontece no geral? - são fundamentais para uma discussão proveitosa (Gaskell & Bauer, 2002; Kind, 2004).

Por fim, após os gravadores desligados, conversas paralelas costumam acontecer. Nesse momento de finalização e de saída dos participantes do local do encontro, o moderador e facilitador também devem estar atentos para fazer, em seguida, anotações e observações com o propósito de não se deixar extraviar ou esquecer qualquer informação (Gondim, 2003). A forma como a condução do grupo focal se dá é crucial para que se obtenha um resultado proveitoso na investigação. Esta tarefa exige dos pesquisadores sensibilidade e bom senso, mantendo o foco e atenção para não privar os participantes de expressarem-se de forma espontânea. Minayo (2001) adverte para que o moderador não acabe por induzir o grupo, conscientemente ou não, a partir de suas convicções e tenha habilidades de conduzir possíveis catarses ou crises durante o debate.

A análise das informações levantadas no grupo focal, de acordo com os estudos de Kind (2004), inicia-se durante a realização do grupo, nas observações e anotações feitas. As principais indicações para esta fase destacam a análise de conteúdo, através da organização por temas ou categorias, conforme as orientações de Bardin (1988) ou Minayo (2001). Sugere-se também que, em conjunto, seja realizada a análise das próprias interações grupais e suas dinâmicas. Gondim (2003, p. 151) destaca que a essência não se encontra somente na análise de conteúdo, mas também “no discurso que permite

inferir o sentido oculto, as representações ideológicas, os valores e os afetos vinculados ao tema investigado” (Gondim, 2003, p. 151).

Tendo essa revisão como horizonte, a seguir encontram-se detalhes pertinentes à discussão da vivência de grupo focal considerado para o presente estudo.

### 3 O Grupo Focal

Julgou-se a realização do grupo focal pertinente frente aos objetivos específicos do estudo em desenvolvimento anteriormente mencionado: compreender como se constitui o trabalho de músicos autorais na perspectiva deles mesmos; e analisar uma dada experiência de trabalho conjunto relativa a um projeto que reuniu compositores da cidade, do qual fizeram parte todos os músicos que participaram do grupo focal.

Decorridos três meses da realização do grupo focal, foi solicitado aos músicos que discorressem acerca da sua participação no grupo, bem como sobre possíveis efeitos do grupo em seu trabalho, em perspectiva individual e coletiva. Além disso, posteriormente à realização do grupo focal, foram acompanhados e observados shows e eventos realizados pelos músicos participantes. Ressaltam-se a perspectiva das pesquisadoras e dos músicos

#### 3.1 Sobre a Organização do Grupo Focal

O grupo focal em questão aconteceu na cidade de Porto Alegre/RS/Brasil, no mês de novembro de 2017, e contou com a participação de seis músicos autorais da cena independente, juntamente com uma moderadora e uma facilitadora. Ambas pesquisadoras possuem experiência com grupos focais, e a moderadora é familiarizada com a temática da investigação por meio de vivências pessoais junto a uma cena musical independente. De acordo com Gondim (2003) contar com um facilitador durante o grupo focal é essencial, haja vista sua disponibilidade, enquanto observador e não condutor da discussão, de validar a investigação por meio de intervenções pertinentes.

Com o intuito de formar o conjunto de participantes do estudo – músicos autorais independentes – estabeleceu-se como forma de acesso, músicos que fizeram parte do coletivo “SOM” (nome fictício), originado a menos de uma década, e composto por compositores que contemplam a característica autoral e independente.

O acesso a eles se deu a partir de comunicação com um dos fundadores do coletivo, o qual informou os contatos de e-mail e telefone dos músicos ativos na cena autoral e independente. Os convites foram realizados e o grupo focal foi formado em virtude da disponibilidade dos participantes. É importante salientar que as tentativas de agendamento de data para a realização do encontro foram diversas até se conseguir uma data que fosse conciliável para todos – convidados em número expressivamente maior que o mínimo necessário para a realização do grupo focal. Este percurso específico se caracterizou como um processo complexo que envolveu insistência e, ao mesmo tempo, delicadeza para com os participantes. Os músicos que aceitaram o convite são todos do sexo masculino e, à época da realização do grupo focal, tinham idades compreendidas entre vinte e sete e trinta e seis anos.

#### 3.2 Sobre a Realização do Grupo Focal

O encontro ocorreu em uma sala privada e reservada previamente em local de fácil acesso da cidade, e contou com a presença de duas pesquisadoras que assumiram papéis de moderadora e observadora da discussão. As pesquisadoras chegaram com 1 hora de antecedência do horário agendado para

organizar a sala e esperar os participantes. Ofereceram um lanche à medida que alguns músicos chegavam e aguardavam os demais. Houve, por parte de alguns, atraso de até 25 minutos. Nesse ínterim, falou-se informalmente a respeito da pesquisa, ainda que todas as informações tenham sido reforçadas anteriormente quando formalizado o convite, e posteriormente quando da presença de todos. Foi um momento importante como forma de “quebra-gelo”, embora o tardamento para o início da discussão possa ter implicado em um cansaço dos participantes, percebido ao final do encontro. Nesse momento de integração inicial, foi possível observar alguns deles visivelmente emocionados pelo reencontro com outros com mantinham forte vinculação em função da música e das experiências conjuntas que viveram.

A disposição espacial do grupo aconteceu em volta de uma mesa, com o intuito de oportunizar aos participantes o olhar face a face, e foi registrada por dois gravadores de voz digitais, distribuídos em pontos diferentes da mesa para que pudessem captar a fala de todos os participantes. A conversa foi norteada por um tópico guia com perguntas gerais que envolveram o objetivo do estudo. Após finalizada a discussão, os gravadores foram desligados e, neste momento, percebeu-se que falas pertinentes ao estudo permaneciam ecoando. Anotações foram realizadas imediatamente após a realização do grupo focal.

O conteúdo da gravação foi transcrito, e, conforme recomendado por Kind (2004) e Roso (1997), moderadora e observadora reuniram-se para considerações acerca das observações e anotações registradas durante e após o grupo focal.

### 3.3 Um Olhar sobre o Grupo Focal

O relato segue composto e entrelaçado pelo olhar das pesquisadoras acerca da técnica e do processo metodológico, e pelo retorno dos músicos com relação ao formato do grupo focal e de suas participações. Os seis músicos não estão identificados para garantir-lhes o sigilo.

O estímulo inicial – o que constitui o trabalho de um músico autoral independente? – causou, de imediato, um certo desconforto aos integrantes que, embora cientes da temática central da pesquisa, geraram um breve silêncio reflexivo. Na medida em que um ou outro expressou-se, a conversa fluiu. Embora as manifestações iniciais tenham sido sutis, no desenrolar da discussão, em virtude das interações estabelecidas, a primeira questão foi retomada e debatida pelos participantes. Gaskell e Bauer (2002) observam que, logo nos primeiros minutos, pode ocorrer tal confusão e incerteza latente nos participantes. Todavia, conforme fluem as falas, a criação de uma familiaridade e o estabelecimento de identidade do grupo se instaura, o que foi possível constatar.

Durante a discussão, houve respeito e atenção de todos à fala de cada participante, mesmo que alguns destinassem mais tempo a suas falas. Observou-se diante da fala individual de cada músico que os outros participantes ouviam atentos e expressavam sinais de concordância ou diversão por recordarem-se das experiências em comum e, por vezes, manifestavam-se no sentido de complementar as respostas. Segundo M5, existe respeito entre eles que soa como promissor ao trabalho que realizam. “Acho que tanto eles quanto eu, eu respeito a opinião deles e eles respeitam a minha, e acho que não tem problema a gente discordar em algumas coisas. Eu acho que é a diferença que faz a coisa acontecer. Acho que é a partir da diferença que a coisa cresce, sabe?” (M5).

Relativamente ao reencontro ocorrido em função do grupo focal, todos os participantes demonstraram ter sido positivo. “Todo o encontro deste tipo é sempre importante para um assunto que é meio que soterrado no mundo de hoje, caótico” (M1); “Achei legal o encontro e percebi que ainda existe reverberação do coletivo”(M4); “Necessário, importante, produtivo” (M3); “Foi ótimo reencontrar pessoas que eu não via faz tempo e até estar junto com amigos que eu convivo direto pra

falar sobre um assunto que é o que norteia a minha vida praticamente”(M2). Complementando essa ideia, M5 e M6 expuseram as suas posições:

Achei que foi muito rico...encontrar as pessoas, lembrar das coisas e ver o quanto que a gente conseguiu fazer uma história, entendeu? A gente conseguiu fazer uma cena e pra mim encontrar estas pessoas foi maravilhoso porque eu me sinto parte de uma história e eu acho que todas as pessoas que estavam ali fazem parte desta história e a gente construiu, em algum momento da vida, algo junto. Isto pra mim foi muito legal, reconectar com isto, sabe? (M5)

Gostei muito da proposta do grupo focal. Por ser mais franca assim, da gente poder estar conversando sem preocupações. Isso deu bastante liberdade e permitiu que diversos temas fossem abordados. Sem essa preocupação com responder alguma pergunta ou se colocar dentro de uma costura, de um formato específico, dentro de uma resposta esperada. (M6)

No decorrer da conversa, as reações tímidas e respostas sucintas mostraram-se enriquecidas e mais extrovertidas. Em poucos minutos os participantes já pareciam confortáveis para expressar suas opiniões e, até mesmo, fazer algumas brincadeiras. Entende-se que a constituição desse ambiente descontraído sucedeu muito em função da relação estabelecida previamente pelos participantes do grupo focal. Para não perder o foco do objetivo da realização do grupo, em alguns momentos houve necessidade de interceder no sentido de retomar a discussão para o tema solicitado. Nesse sentido, Morgan (1997) e Roso (1997) recomendam que o pesquisador possua experiência anterior como moderador em grupo focal ou habilidades para condução de debates em grupo.

Com relação ao tema discutido, conforme o direcionamento da conversa, outras indagações não previstas surgiram e foram feitas a fim de esclarecer informações importantes mencionadas pelos participantes. De acordo com Gaskell e Bauer (2002), o tópico guia deve ser apenas um norteador para a discussão, podendo-se acrescentar outras perguntas conforme avaliação dos pesquisadores.

O grupo focal oportunizou o esclarecimento, por parte dos músicos, a respeito de como se encontra a atual cena de coletivos de músicos autorais. Os participantes mencionaram outros coletivos da cidade e do estado dos quais fazem parte músicos com características similares. Esta informação abriu a possibilidade de escolha de mais um outro coletivo, até então não levado em consideração, como fonte de informação para as entrevistas em profundidade, etapa seguinte do estudo em questão, vindo a enriquecê-lo nesse sentido.

Além disso, memórias foram desencadeadas, o que promoveu um movimento, por parte dos participantes, quanto à percepção da necessidade de retomada de encontros do coletivo e posteriores iniciativas que impactam diretamente seus trabalhos e trajetórias. Por ser este um momento caracterizado como mais maduro da caminhada de cada um, os objetivos de possíveis reencontros seriam diversos, a serem futuramente repensados.

Os participantes observaram que o encontro propiciou reflexão a respeito de suas próprias trajetórias conforme iam escutando seus pares. O exercício da escuta sem a necessidade de uma resposta imediata, oportunizado pela técnica do grupo focal, parece permitir tais tipos de reflexões. “Me enriqueceu por estar renovando, retomando e me atualizando” (M6). Nesse sentido, M5 também considerou válida a reflexão:

Foi muito legal a troca que teve (...), de como as pessoas estão divulgando o trabalho, de como estão acontecendo as coisas(...). Serviu pra eu também olhar o meu trabalho e ver o que eu quero dele, sabe? Eu refleti muito sobre isso, o que que eu quero de verdade. Eu tô refletindo ainda, na verdade. (M5)

Pelo fato de estarem reunidos com pares, neste caso debatendo um assunto relevante para suas vidas, pareceu existir por vezes uma certa necessidade de convencimento de seus posicionamentos, ou então, o contrário, uma possível abertura a desconstrução destes, para si e para os outros. O grupo

focal permitiu que tais reflexões e atitudes fossem tomadas. Às pesquisadoras, soou esta atmosfera como diz M2:

Ali tinha gente querendo tentar se convencer de algumas ideias eu acho. Mas ao mesmo tempo a gente estava em discussão (...), jogando no ar também. É o que provocou esse encontro, eu acho. Jogar pontos, tópicos ali e tentar desenvolver o que cada um pensa, o que eu penso, o que os outros pensam e cada um tentar se convencer do que pensa. Ou não, ou se desconstruir ali. (M2)

Após o grupo focal, “nos bastidores” de shows que vieram a se realizar, novas iniciativas e vontades de encontros e trabalho coletivo foram renovadas. Em uma apresentação em conjunto de M1 e M4, assistida pelas pesquisadoras após, aproximadamente, um mês da realização do grupo focal, ambos aproximaram-se e relataram o quão rico e prazeroso havia sido aquela experiência e, sobretudo, evidenciaram a importância de terem vivenciado aquele momento. Naquela circunstância, M1 mencionou que sua participação contribuiu para impulsionar, principalmente, projetos engavetados como na remodelação de seu posicionamento atual de carreira, de um formato solo para um arranjo em conjunto enquanto trajetória artística. Gomes e Galego (2006) compreendem que é possível, como resultado das interações ocorridas no grupo focal, que os participantes vivenciem, além de um momento de fala, escuta, debate e troca de opiniões, um certo tipo de emancipação e autodescobrimento. O grupo focal não se limita tão somente a um espaço de debate acerca de um determinado tema, permitindo, também, que “os participantes construam e reconstruam os seus posicionamentos em termos de representação e de atuação futura” (Gomes & Galego, 2006, p. 179). Observou-se reverberação do que se passou naquele momento para outras esferas que não somente a do grupo focal. Ainda na ocasião dos “bastidores” de shows, na performance de M6, em conversa com o integrante de uma das bandas de maior representatividade da cena independente brasileira, no intuito de convidá-lo para participar das entrevistas individuais, houve uma interrupção por parte de M6. O músico o fez com o intuito de apresentar aquelas que haviam promovido o encontro dos artistas. Notou-se que o assunto já havia repercutido e também sido objeto de discussão, devido a relevância dada, com outros músicos da cena em diferentes situações.

Os participantes refletiram sobre a sua própria trajetória de trabalho, reforçando a manutenção de uma rede colaborativa no trabalho e para além do trabalho. Após a realização do grupo, novas perguntas foram reformuladas para o estudo que motivou o encontro, sendo o grupo focal o potencializador dessas mudanças.

#### 4 Considerações Finais

O presente artigo apresentou a organização, realização, discussão e análise da técnica do grupo focal, contando com a perspectiva das pesquisadoras que atuaram como moderadora e facilitadora no grupo e a dos músicos sobre sua participação e possíveis desdobramentos dessa participação para o trabalho de músicos autorais e independentes.

Na perspectiva dos músicos, considera-se que o grupo focal trouxe informações e benefícios valorizados por eles em função do formato da discussão realizada, como: o fortalecimento do círculo de amigos, o exercício da escuta atenta e do respeito para com as vivências dos demais interlocutores e, especialmente, sobre o significado e possíveis desdobramentos futuros da carreira individual de cada músico. O grupo também permitiu o desencadeamento de memórias, fato que promoveu um movimento nos participantes, no sentido de perceberem a necessidade de reavivar projetos passados e reestabelecer parcerias para futuros shows conjuntos.

Na perspectiva das pesquisadoras, a configuração e a condução da técnica possibilitaram a ampliação de informações sobre o trabalho dos participantes; o conhecimento da linguagem específica deste



meio e a expansão da discussão para tópicos não previamente estabelecidos que, conforme o andamento da conversa, foram descobertos como relevantes para a pesquisa como um todo. Destaca-se a relevância da técnica como base de informação para a reformulação de perguntas relativas às fases subsequentes da pesquisa. Diferentemente de uma entrevista individual, a possível aceitação/rejeição, por parte dos demais participantes, permitiu perceber ora certa hesitação ora certa exacerbação na abordagem de assuntos delicados a fim de salientarem seus posicionamentos e convencerem os demais a respeito. Tal fato enriqueceu a coleta, haja vista que na entrevista individual a relação que se estabelece com o participante é, em geral, restrita a de um(a) pesquisador(a) que não faz parte da sua rede de trabalho.

Além disso, o grupo focal não se limitou a reflexões e conclusões relativas ao conteúdo produzido, alcançando, também e principalmente, uma potência no sentido de propiciar aos participantes, inclusive, contribuições imediatas da pesquisa como a manutenção de redes de contato para além do trabalho, reflexão de sua trajetória individual e emancipação enquanto coletivo. Algo que se considerou como um movimento contrahegemonico ao individualismo que se ressalta na atual realidade do trabalho, por isso a relevância da técnica à atuação da área de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho, seja na produção do conhecimento, seja na busca por melhores condições de trabalho aos trabalhadores em âmbito individual e coletivo.

Assim como Gomes e Ramos (2015), recomenda-se que o uso do grupo focal para produção de conhecimento em Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho receba atenção ao rigor metodológico. Sugere-se também, a realização de estudos voltados especificamente à problematização e discussão da técnica. Como limitação ao uso da técnica do grupo focal, assinala-se a conciliação da agenda dos participantes, podendo, inclusive constituir-se obstáculo a sua realização.

**Agradecimentos.** Agradecemos à Capes e ao CNPq, pelos financiamentos concedidos.

## Referências

- Bardin, L. (1988). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Debus, M. (Ed.) (1988). *Manual para excelência em la investigación mediante grupos focales*. Pennsylvania: University of Pennsylvania/Applied Communications Technology, Needham Porter Novelli.
- Gaskell, G. & Bauer, M. W. (Ed.) (2002). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.
- Gomes, A. A. & Galego, C. (2006). Emancipação, ruptura e inovação: O focus group como instrumento de investigação. *Educação Linguagem*, 13, 196-209.
- Gomes, A. C.C. & Ramos A. S. M. (2015). Grupos focais desenvolvidos em cursos de Administração: um estudo com universidades brasileiras. *Interface*, 11, 99-119.
- Gondim, S. M. G. (2003). Grupos Focais como Técnica de Investigação Qualitativa: Desafios Metodológicos. *Paideia*, 12(24), 149-162.
- Guareschi, P. (1996). *A técnica dos Grupos Focais como pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica – PUCRS.
- Kinalski, D. D. F.; Paula C. C.; Padoin S. M. M; Neves E. T.; Kleinubing R. E.; Cortes L. F; (2017). Focus group on qualitative research: experience report. *Rev Bras Enferm*, 70(2), 424.

- Kind, L. (2004). Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. *Psicologia em Revista*, 10(15), 124-136.
- Merton, R. K.; Fiske, M. & Kendall, P. L. (1990). *The focused interview: a manual of problems and procedures*. New York: Free Press.
- Minayo, M. C. S. (Ed). (2001). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.
- Morgan, D. L. (1997). *Focus group as qualitative research*. London: Sage University Paper.
- Morgan, D. L., & Hoffman, K. (2018). A System for Coding the Interaction in Focus Groups and Dyadic Interviews. *The Qualitative Report*, 23(3), 519-531.
- Oliveira, M.; Freitas, H. (1998). Focus group, pesquisa qualitativa: resgatando a teoria, instrumentalizando o seu planejamento. *RAUSP. Revista de Administração*, 33(3), 83-91.
- Ressel, L. B.; Beck, C.L.C. ; Gualda, D.M.R.; Hoffmann, I. & Silva, R.M. (2008). O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. *Texto & Contexto. Enfermagem*, 17, 779-786.
- Schröder, C. S. & Klering, L. R. (2009). On-line focus group: uma possibilidade para a pesquisa qualitativa em administração. *Cadernos EBAPE.BR (FGV)*, 7, 1-17.
- Roso, A. (1997). Grupos focais em Psicologia Social: da teoria à prática. *Psico*, 28(2), entrevis-169.
- Souza, D. B. L.; Gondim, S. M. G. & Abbad, G. S. (2013). Comportamento Verbal e Não Verbal em Grupos Focais. *RIGS - Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 2, 59-80.
- Stewart, D.W., Shamadasani, P. N. & Rook, D. W. (2007). *Focus Groups: theory and practice*. 2<sup>nd</sup> ed. Thousand Oaks, California: Sage.
- Tonelli, M. J.; Caldas, M. P. & Lacombe, B. M. B. Produção acadêmica em recursos humanos no Brasil: 1991-2000. *Revista de Administração de Empresas*, 43(1), 1-18.
- Trad, L. A. B. (2009). Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis*, 19, 777-796.